

também o término de *um modo de vida*." Xamã e líder religioso, era um mestre na arte de curar; sua vigorosa inteligência, "tão incongruentemente alojada no seu velho corpo", tornava-o rápido em perceber o ponto de qualquer questão; revelando o hábito de reflexão analítica em suas sutis observações sobre os costumes Ojibwa, torna-as tão precisas quanto as de um especialista. "John Mink era algo de um anacronismo. Nasceu em meados do século passado, quando a cultura de seu povo era vigorosa e não moribunda; teve pouco contacto com a cultura branca e não desejou mais. Sua fé nos modos Ojibwa se manteve inabalável e ele viveu uma vida plena e segura, numa tradição que dominou e achou satisfatória."

John Adair escreve sobre Marcus Tafoya, "Um Pueblo G. I.", veterano de guerra que teve oportunidade de ir até a Inglaterra e passar, confessadamente, pela experiência de sentir-se livre, o que significava liberto dos mexericos da aldeia e do medo da feitiçaria. De regresso, envolve-se novamente na atmosfera de ansiedade que mina a vida no "pueblo" e que, comunicada de várias formas — mexericos, boatos, suspeita, inveja, dissimulação, vigilância calada — "é ao mesmo tempo uma forte influência que controla a vida da aldeia e uma poderosa defesa contra o estranho", impedindo a êste de perscrutar o aspecto secreto da cultura.

Finalmente, William C. Sturtevant nos apresenta Josie Billie, "Um Fazedor de Medicina Seminole", da Flórida, membro de um dos grupos mais isolados e conservadores dos índios norte-americanos. Muito viajado, vivamente inteligente, profundo conhecedor das plantas e das tradições do seu povo, mas também altamente progressista, argumenta com os seus pares que essas tradições já não podem ter vigência no mundo de hoje. Convertido, trabalhou duramente para se fazer um bom cristão, frequentou cursos aos 60 anos e conseguiu tornar-se um pastor assistente. "A despeito de seus sentimentos para com a assimilação e do grau em que se movimentou nessa direção nos últimos anos, Josie é ainda grandemente um Seminole, e existem áreas de crença e comportamento nas quais não pretende mudar". E uma delas é a da medicina Seminole, na qual acredita piamente.

Na rápida apresentação da obra, Casagrande ressalta o fenômeno aculturativo subjacente a toda ela e o "tema repetitivo da tragédia pessoal", em alguns casos "silenciosa", em outros "atingindo as proporções de uma fatalidade cósmica", assinalando que, se de nenhum dos quadros emerge a figura do "bom selvagem", todos os indivíduos retratados dão uma impressão "convvincente" de individualidade e valor pessoal.

Acompanham o livro uma série de fotografias e uma carta geográfica na qual são localizados os grupos a que pertencem os informantes apresentados.

*Gioconda Mussolini*

UGO BIANCHI: *Problemi di Storia delle Religioni*. 151 págs. Universale Studium, 56. Editrice Studium. Roma, 1958.

UGO BIANCHI: *Teogonie e Cosmogonie*. 191 págs. Universale Studium, 69. Editrice Studium. Roma, 1960.

A coleção "Universale Studium" deseja fazer obra de divulgação principalmente no sentido de oferecer breves sínteses em edições muito econômicas. Os trabalhos do Prof. Bianchi, porém, embora escritos numa linguagem e em termos deliberadamente acessíveis à qualquer atento leitor de cultura média, são em substância algo de bem mais interessante e construtivo — num plano científico, entende-se — de quanto se costuma esperar de um bom texto de vulgarização. Em outros termos, Bianchi apresenta com ampla documentação histórica num panorama bastante vasto e quase completo o fe-

nômeno religioso em suas várias formas num quadro que procura estar isento de qualquer preconceito historiográfico mais ou menos evolucionista. Ele faz prosseguir a sua pesquisa sobre dois planos paralelos. Por um lado tenta uma unificação da terminologia das principais disciplinas que se ocupam de religião, ou seja: a filosofia, também mais recente, da qual o próprio Bianchi provém, junto com outros famosos historiadores das religiões, a teologia, ou melhor, as teologias dos vários sistemas religiosos, inclusive primitivos, a etnologia, em muitos casos fonte exclusiva, e finalmente a psicologia.

Para avaliar a precisão e o interesse de seu ponto de vista, veja-se em "Problemas de História das Religiões" o excelente capítulo sobre o monoteísmo, e em "Teogonias e Cosmogonias" as breves indicações sobre a incidência de uma incipiente dose de burlesco na visão homérica da mitologia grega em comparação com a cosmogonia de Hesíodo. E ainda as precisões sempre claras e sutis sobre a posição gnóstica desde o primeiro surto de heresias até hoje.

De formação tipicamente historicista Bianchi tem por outro lado uma vontade específica de síntese e de superação que acompanham a sua pesquisa através dos dois volumes. E a tentativa de conciliar as terminologias o conduz inevitavelmente a individualizar áreas controversas em que as várias disciplinas, e não só o vocabulário, se apresentam em posições dificilmente conciliáveis. Assim, as mais recentes "teorias" tendentes a definir o fato religioso, unificando-o, são examinadas e discutidas por Bianchi, uma por uma, a partir da escola histórico-cultural até as interpretações psicológicas de Jung, à tese sacralista de Otto, ao magismo das escolas irracionaisistas, à crise existencial de De Martino.

Mais que propor novas teses interessa a Bianchi caracterizar o estado atual da história das religiões após os últimos decênios de intensa elaboração. Sua contribuição consiste principalmente na aplicação da terminologia e do método filosóficos a um setor de investigação originariamente reservada à antropologia, à sociologia e à psicologia. "O fato religioso não pode ser reduzido às suas circunstâncias psicológicas ou sociais." De particular interesse são, em seguida, os capítulos sobre o conceito de mito, assunto de que se ocupa por duas vezes, tanto no primeiro volume (precisão terminológica e sociológica) quanto no segundo, onde entra em polêmica com as teses do racionalismo historicista, como também com teses do irracionalismo de Otto e com as teorias mais recentes de Mircea Eliade.

No atual estado dos estudos, os dois volumes de Bianchi constituem um instrumento muito útil, quer para os estudos etnológicos, quer para os especialmente histórico-religiosos.

Armando Ferrari

HANS BECHER: *Die Surára und Pakidái Zwei Yanonámi-Stämme in Nordwestbrasilien*. Mit Anhang: ARYON DALL'IGNA RODRIGUES, *Über die Sprache der Surára und Pakidái*. X + 138 págs. Mitteilungen aus dem Museum für Völkerkunde in Hamburg, XXVI. Kommissionsverlag Cram, De Gruyter & Co. Hamburgo, 1960. (Preço: DM 48,—).

A presente monografia é o resultado de observações colhidas por Hans Becher durante uma permanência de 9 meses (1955-1956) entre as tribos Surára e Pakidái dos rios Demini e Aracá, naquela região etnograficamente pouco conhecida, compreendida pelos rios Branco, Uraricuera, Negro, e a serra Parima.

O autor não se limita a desfiar suas experiências entre os grupos visitados, mas, baseando-se nos recentes trabalhos de Zerries e Schuster sobre os Waiká, e as informações de Salathé, A. Vinci, Koch-Grünberg e outros, relaciona os elementos dessas cul-